

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**NOVAS FORMAS DE BRINCAR RESPEITANDO A
NATUREZA: UM TRABALHO DE RECICLAGEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL.**

MONOGRAFIA

Simone Carneiro Schumann

Santa Maria, RS, Brasil

2011

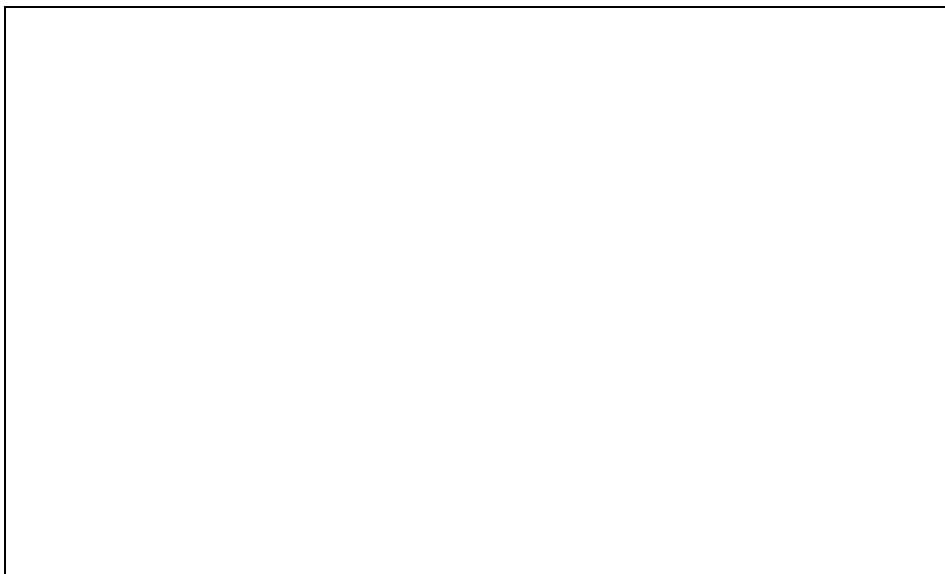
**NOVAS FORMAS DE BRINCAR RESPEITANDO A
NATUREZA: UM TRABALHO DE RECICLAGEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

SIMONE CARNEIRO SCHUMANN

Monografia de Pós-Graduação apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria, para obtenção do grau de especialista em Educação Ambiental.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. DAMARIS KIRSCH PINHEIRO

**SANTA MARIA, RS, BRASIL
2011**



© 2011

Todos os direitos autorais reservados a Simone Carneiro Schumann. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita com autorização por escrito do autor.

Endereço: Rua Olaria, n. 564, Bairro Erica, Panambi, RS. CEP: 98.280-000

Fone (0xx)55 3375 3857; E-mail: profsimoneeduambiental@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Rurais
Curso de Especialização Lato-Sensu em Educação Ambiental

A Comissão Julgadora, Abaixo-Assinada, Aprova a Monografia de Pós-Graduação como Parte dos Requisitos para Obtenção do Grau de Especialista em Educação Ambiental.

**NOVAS FORMAS DE BRINCAR RESPEITANDO A NATUREZA: UM
TRABALHO DE RECICLAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

elaborada por
Simone Carneiro Schumann

como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em
Educação Ambiental.

Comissão Examinadora

Damaris Kirsch Pinheiro, Prof^a Dr^a. (UFSM)
(Presidente)

Djalma Dias da Silveira, Prof. Dr. (UFSM)

Marcelos Barcellos da Rosa, Prof. Dr. (UFSM)

Santa Maria, 29 de julho de 2011.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que encontrei nos caminhos da minha vida e com as quais dividi a missão de encher um mar, a cada dia acrescentando uma gota.

Em especial à minha querida família, esposo e filhas, que fazem parte de meus projetos e acompanharam-me neste estudo.

A meus queridos alunos que enquanto aprendem também me ensinam, as minhas mãe e avó, que também trilham os caminhos da educação durante toda a nossa história.

Agradeço, principalmente, aos meus professores, do primeiro ao último, que foram fundamentais em minha formação de educadora, e em especial à professora Damaris, orientadora e colega educadora ambiental.

Mas como já disse, os sonhos não bastam. Eles precisam da ajuda da inteligência. Acontece que a inteligência tem ideias próprias: só funciona quando um sonho(ainda que bem pequeno) lhe dá ordens. É inútil obrigar a inteligência a aprender mil coisas que não estão ligadas aos sonhos. A inteligência esquece logo(porque é inteligente!). O que sobrou em você de tudo que você teve de aprender na escola?Você esqueceu, porque aqueles saberes não eram respostas aos seus sonhos.

*É assim que construímos a nossa vida: com sonhos e inteligência.
É assim que se constrói um país melhor: com sonhos e inteligência.
Esse é o programa básico da educação.*

Rubem Alves

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em Educação Ambiental
Universidade Federal de Santa Maria

NOVAS FORMAS DE BRINCAR RESPEITANDO A NATUREZA: UM TRABALHO DE RECICLAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Autora: Simone Carneiro Schumann
Orientador: Prof^a Dr^a Damaris Kirsch Pinheiro
Local e data da defesa: Panambi, 29 de julho de 2011.

Este trabalho, realizado na Escola Municipal de Educação Infantil Gente Miúda, com alunos da turma de Jardim, nível II, objetiva possibilitar aos educandos conhecimentos, sentido de valores, interesse ativo e atitudes necessárias para respeitar, proteger e melhorar o meio ambiente, alertando-os sobre o problema da grande produção de resíduos e a necessidade de consumo consciente. Como estratégias metodológicas, foram utilizados momentos de conversas, exploração de filmes, histórias, músicas e atividades dirigidas. Como forma de registro, foi desenvolvida reciclagem de materiais e confecção de brinquedos e instrumentos musicais, experiências com resíduos, desenhos e cartilha, enfatizando a importância da reciclagem desses resíduos. A análise dos dados concorda com o referencial teórico, confirmando a ideia de a criança aprende através de atividades lúdicas e amplia seus conhecimentos por meio de interações e socializações mediadas pela intervenção do educador, quando oferece subsídios para que os educandos analisem e contribuam para a conservação do meio ambiente. A Educação Ambiental trabalhada na Educação Infantil contribui para a construção de novos olhares e atitudes para com a natureza, os outros e consigo.

Palavras-chave: Criança, Aprendizagem, Educação Ambiental, Resíduos, Lúdico.

ABSTRACT

Monograph Specialization
Specialization Course in Environmental Education
Universidade Federal de Santa Maria

NEW WAYS TO PLAY RESPECTING NATURE: A WORK OF RECYCLING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION.

Author: Simone Carneiro Schumann
Advisor: Prof^a Dr^a Damaris Kirsch Pinheiro
Place and date of defense: Panambi, July 29th, 2011.

This work was conducted at the Escola Municipal de Educação Infantil Gente Miúda , with students from kindergarten class, level II, aims to enable the students to knowledge, sense of values, active interest and attitudes needed to respect, protect and improve the environment, alerting on the problem of the large production of waste and the need for conscious consumption. As methodological strategies, moments of conversation, exploitation films, stories, songs and activities addressed were used. As a way to record, recycling materials and making toys and musical instruments, experiments with waste, and brochure designs, emphasizing the importance of recycling such waste were developed. Data analysis agrees with the theoretical framework, confirming the idea that the child learns through play activities and expands their knowledge through interaction and socialization mediated by the intervention of the educator, it offers subsidies for students to analyze and to contribute for the conservation of the environment. Environmental Education in Early Childhood Education contributes to the construction of new visions and attitudes towards nature, others and themselves.

Keywords: Child, Learning, Environmental Education, Waste, Playful.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Registro/desenho de aluno fazendo menção ao monte de lixo que se forma.....	24
Figura 2: Materiais alternativos colecionados.....	25
Figura 3: Criança brincando com caixas.....	26
Figura 4: Lixeiras da sala- de- aula	26
Figura 5: Brinquedos criados: trem, carrinhos, etc.....	27
Figura 6: Confeccionando bilboquês.....	28
Figura 7: Confeccionando pé-de-latas.....	28
Figura 8: Brincando com pé-de-latas.....	29
Figura 9: Criança brincando.....	29
Figura 10: Passeio pelo bairro.....	30
Figura 11: Trabalho sobre as lixeiras observadas durante o passeio.....	31
Figura 12: Confeccionando instrumento musical.....	31
Figura 13: Professora auxiliando na confecção dos brinquedos.....	32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
Contextualização	9
Tematização	9
Objetivos	10
Objetivo Geral	10
Objetivos Específicos.....	11
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 A Criança, a Atividade Lúdica e seu Desenvolvimento	12
2.2 O Papel da Escola e do Professor	15
2.3 A Educação Ambiental	16
2.4 A Educação Ambiental e o Exercício da Cidadania.....	18
2.5 A importância da relação criança/meio ambiente	18
2.6 O Problema dos Resíduos Sólidos	21
1METODOLOGIA.....	22
3.1 Tipo de Pesquisa.....	22
3.2 Coleta de Dados	22
ANÁLISE DOS RESULTADOS	24
2CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1 INTRODUÇÃO

Contextualização

Além de a população da Terra crescer descontroladamente, seu crescimento urbano é desordenado, o que traz problemas ambientais a nível global, como a alta produção de resíduos nas cidades, aumentando a exposição inadequada dos seres humanos e do meio ambiente a produtos tóxicos. Essas questões estão se tornando emergenciais e as soluções precisam sair do campo teórico para serem aplicadas, com a participação das pessoas, conscientes de sua responsabilidade.

Um dos caminhos para buscar a solução desse problema é o da EDUCAÇÃO DA CRIANÇA, pela conscientização quanto à responsabilidade de reduzir, reutilizar e reciclar o resultado de seu consumo, adquirindo hábitos e valores sadios para a preservação e desenvolvimento sustentável do Planeta.

Sabe-se que nos primeiros anos de vida o contato com o mundo permite à criança construir conhecimentos práticos sobre seu entorno e que através de suas experimentações vai atribuir as primeiras significações para os fenômenos sociais e naturais, identificando como ocorrem, então, surge a importância de trabalhar a EDUCAÇÃO AMBIENTAL na Educação Infantil.

Quanto menores forem as crianças, mais suas noções sobre o mundo estarão ligadas aos objetos concretos da realidade conhecida, observada, sentida e vivenciada. Assim, a capacidade de interação possibilita que, aos poucos, as crianças desenvolvam atitudes de respeito e preservação à vida e ao meio ambiente, e também atitudes relacionadas à sua saúde.

Tematização

A complexidade deste tema torna necessário trabalhar o assunto para modificar a ideia inicial de que os resíduos sólidos são sujos e que devem ser jogados fora. Com isso, busca-se oferecer às crianças uma série de situações para que elas possam ter um contato saudável com o meio-ambiente, através de suas atividades sensoriais, a fim de construir um olhar atento e cuidadoso em relação aos resíduos que são descartados diariamente, dando-lhes

novas possibilidades de uso, sempre com a preocupação da economia, bem como de analisar seus conceitos.

Este estudo tem como pretensão realizar um trabalho comprometido com as questões ambientais e, particularmente, envolver-se na construção de um olhar especial sobre o uso e reuso dos materiais na escola de educação infantil. Hoje em dia, a reciclagem é assunto muito discutido e presente na rotina de várias cidades. Por isso, muitas crianças já têm consciência de que o resíduo pode ser renovado ou transformado em algo útil. Nesse sentido, este projeto tem a intenção de favorecer formas de interação com atividades prazerosas e significativas, em busca de comprometimento com as questões socioculturais e de mudança de atitude diante dos fatos.

A escola, através da educação ambiental, oferecendo sua competência para mobilização da comunidade, muito poderá contribuir para diminuir os danos causados pelas ações humanas à natureza. O primeiro passo é fazer com que cada criança conheça o meio ambiente em que vive e crie vínculos emocionalmente positivos com a sobrevivência da Terra, pois somente assim passará a se preocupar com o destino do resíduo produzido por ela, assumindo a responsabilidade pela redução, reutilização e reciclagem de seu próprio resíduo, de sua residência, seu local de trabalho, estudo ou lazer.

Objetivos

Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo é possibilitar aos educandos conhecimentos, sentido de valores, interesse ativo e atitudes necessárias para respeitar, proteger e melhorar o meio ambiente, alertando-os sobre o problema da grande produção de resíduos e sobre a necessidade de consumo consciente.

Objetivos Específicos

Os objetivos específicos são os seguintes:

- Levantar com os alunos os problemas existentes no meio ambiente em sua realidade e possíveis soluções;
- Reduzir o consumo de água, energia, alimentos e de material em geral usados na escola;
- Participar criativamente na confecção de brinquedos;
- Utilizar materiais alternativos e reciclados nas atividades diárias e brincadeiras.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Criança, a Atividade Lúdica e seu Desenvolvimento

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima das pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma a compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender nas trocas sociais, com diferentes indivíduos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. Brincando, ela não apenas se diverte, mas recria e interpreta o mundo em que vive e se relaciona com os outros. Assim, resolve a maioria de seus conflitos e expressa a sua forma de representação da realidade.

Walter Benjamin (2002) e Gianni Rodari (1992) referem-se à infância como esse tempo mágico e lúdico onde a vida, constituída de todos os materiais e acontecimentos, é instrumento para a descoberta e a criação, por isso, não se pode separá-la em áreas de conhecimento, em disciplinas. Para as crianças, não existem fronteiras, nem para seu corpo no espaço e no tempo, nem para o conhecimento e a invenção. O importante é manter essa curiosidade, alimentá-la e preservá-la em relação à vida, ao cuidado e ao respeito.

Conforme as teorias piagetiana e vygotskyanas, a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais e sociais superiores, por isso, indispensável à prática educativa(Oliveira 1993).

Piaget(1975), pai da gênese das estruturas lógicas do pensamento, afirma que a criança adquire estas estruturas, sobretudo, pelo efeito de sua própria ação sobre o meio e os objetos e que a ação pedagógica está na obrigação de favorecer essa construção. Para ele, a tarefa essencial da educação consiste na criação de situações em que a criança seja levada a operar por si mesma, quer o domínio da atividade seja física, matemática, das ciências naturais, da língua materna, etc. O que importa, antes de tudo, é colocar os educandos em condição de descobrirem por si mesmos. Hoje, sabe-se que o jogo em sala de aula é uma das estratégias didáticas que possibilita à criança a descoberta e a construção de conhecimentos, principalmente, se utilizadas com a compreensão da teoria de Piaget.

Para ele, o conhecimento é uma ação evolutiva entre a criança e o meio. A criança constrói suas ações e ideias em relação a novas experiências ambientais; ela exhibe, em algumas idades, estruturas ou organizações de ação e pensamento características, que classifica por estágios. Segundo Piaget (1975), “[...] os jogos não são apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar energias das crianças, mas meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual”.

Na teoria piagetiana, grande parte do conhecimento construído pelo homem é resultado de seu esforço em compreender e dar significado ao mundo. Para explicar a construção do conhecimento, Piaget criou um modelo biológico de interação do homem com o ambiente, que parte da lógica de que o organismo humano é essencialmente seletivo, por organizar os alimentos que podem ser úteis, esses vão sendo adaptados de acordo com as necessidades biológicas. À medida que o homem seleciona os alimentos e inicia a adaptação destes ao organismo, acontece a assimilação, ou seja, a estrutura biológica acomoda os alimentos para a satisfação das necessidades do corpo.

O construtivismo piagetiano é essencialmente biológico. A perspectiva lógica dele não é senão o correspondente de sua perspectiva biológica, isto é, o desenvolvimento é visto como um processo de adaptação que tem como modelo a noção biológica do organismo em interação constante com o meio (GOULART, 1995).

Segundo Piaget(1975), esse mesmo processo dá-se quando da organização, assimilação e adaptação dos conhecimentos na estrutura cognitiva. A organização seletiva que a cognição realiza acontece em um processo permanente de interação do homem com meio ambiente, através da apreensão do que é útil e necessário à sua adaptação no mundo.

Nessa teoria, as relações interindividuais pressupõem dois tipos de relações sociais: a coação e a cooperação. A coação é toda forma de relação sem diálogo, pela qual o indivíduo é levado a repetir e memorizar sem qualquer forma de compreensão da veracidade ou procedência dos fatos. Por sua vez, a cooperação representa o mais alto nível de socialização e desenvolvimento mental, ato que pressupõe reciprocidade e diálogo entre os indivíduos. Há discussão, troca de pontos de vista, controle mútuo dos argumentos e das provas.

Na visão sócio-histórica de Vygotsky, o desenvolvimento da aprendizagem e a construção do conhecimento perpassam pela produção da cultura, como resultado das ações humanas. O indivíduo possui natureza social, visto que nasce em um ambiente carregado de valores culturais: na ausência do outro, o homem não se faz homem.

Partindo deste pressuposto, criou uma teoria de desenvolvimento da inteligência, pela qual afirma que o conhecimento é sempre intermediado. Em sua teoria deu ênfase à brincadeira, acertando que é uma atividade específica da infância, em que a criança recria a realidade usando sistemas simbólicos. Essa é uma atividade social, humana e criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos. A brincadeira de “faz-de-conta”, cria zonas de desenvolvimento proximal à medida que coloca a criança em situações de repetição de valores e imitação de papéis e regras sociais.

Numa situação imaginária como a brincadeira de faz-de-conta [...] a criança é levada a agir num mundo imaginário (o ônibus que ele está dirigindo na brincadeira, por exemplo) em que a situação é definida pelo significado estabelecido pela brincadeira (o ônibus, o motorista, o passageiro) e não pelos elementos reais concretamente presentes (as cadeiras da sala onde está brincando de ônibus, as bonecas, etc. [...]). Mas além de ser uma situação imaginária, o brinquedo é também uma atividade regida por regras. Mesmo no universo de “faz-de-conta”, há regras que devem ser seguidas. (OLIVEIRA, 1993, p.67).

A brincadeira é para a criança um espaço de investigação e construção de conhecimentos sobre si mesma e sobre o mundo. Brincar é uma forma de a criança exercitar sua imaginação. A imaginação é uma forma que permite às crianças relacionarem seus interesses e necessidades com a realidade de um mundo que pouco conhecem. É um espaço privilegiado de aprendizagem onde a criança age como se fosse maior do que é na realidade. Ela realiza simbolicamente aquilo que ainda não tem capacidade de fazer.

Bettelheim (1988) destaca que a brincadeira é uma ponte para a realidade e que os adultos, através de uma brincadeira, podem compreender como a criança se vê e constrói o mundo, quais suas preocupações, ansiedades e como gostaria que fosse. Pela brincadeira, ela expressa o que teria dificuldade de colocar em palavras. Ou seja, brincar é a linguagem secreta da criança que deve ser respeitada.

Em cada momento do seu processo de desenvolvimento, a criança utiliza-se de instrumentos diferentes e sempre adequados às suas condições de pensamento. Por exemplo, por volta dos três anos o jogo simbólico passa a ser a atividade principal da criança. À medida que cresce, as brincadeiras evoluem modificando as formas de exploração.

A imitação é importantíssima para o desenvolvimento infantil. É por meio da imitação que a criança vai assimilar o mundo que a rodeia e desenvolver suas potencialidades

expressivas. Essas atividades lúdicas não necessitam de qualquer técnica particular, são simples exercícios. À medida que o bebê adquire mais mobilidade, amplia seu campo de exploração, partindo para os jogos de manipulação, que são praticados a partir do contato com diferentes materiais, movidos pelo prazer que a sensação tátil proporciona. Então, os jogos de construção acontecem quando a criança faz ordenação sobre os objetos. Esses jogos são responsáveis por diferentes e importantes aquisições para o desenvolvimento motor e intelectual da criança, tais como a classificação, a seriação, o equilíbrio, as noções de quantidades, tamanhos, pesos, bem como a discriminação de formas e cores (Brasil, 1998).

As crianças vão crescendo e a possibilidade de realizar novas brincadeiras vai surgindo, mas ela não deixa de lado o jogo de exercício. Vale saber que a capacidade de imaginar é que vai capacitar à criança imitar modelos ausentes, imaginados.

As primeiras imitações que a criança faz do mundo adulto acontecem por meio da observação e normalmente vai imitar modelos que estão próximos a ela, ou seja, que fazem parte do seu mundo, reproduzindo-o. Com o desenvolvimento de suas capacidades, a criança vai buscar a aproximação do real e deseja brincar de forma autêntica e coerente.

2.2 O Papel da Escola e do Professor

Há pouco tempo atrás, as crianças chegavam à escola muito mais tarde. Cabia às famílias o processo de inseri-las no mundo social, de regras, costumes e valores, ficando a escola em uma posição secundária. Hoje está claro que a escola já participa do processo de socialização da criança desde cedo. É o mundo que está passando por modificações sociais e econômicas, que estão refletindo nas vidas das pessoas.

Para tentar-se compreender a criança de Educação Infantil, inicialmente é preciso pensar sobre como ela é. Ainda que a Psicologia, a Pediatria e a Pedagogia ajudem no conhecimento das fases do seu desenvolvimento, é necessário analisar a criança que se apresenta para o educador e a realidade na qual está inserida.

Pensar a infância sem cair na homogeneidade não é tarefa fácil. Tristão (2006) alerta para a necessidade de o professor olhar, ouvir e sentir seus alunos e seus ritmos para não trabalhar no sentido da automatização das ações e homogeneização das crianças.

A dinâmica do planejamento deve estar relacionada a um projeto curricular amplo e aberto, deve permitir que o professor, articulando os conteúdos escolares pré-definidos e

respeitando princípios metodológicos e didáticos, mantenha viva a curiosidade pela descoberta, pela pesquisa, pelo desenvolvimento da atitude investigativa e que, com autonomia, realize com prazer e competência sua tarefa pedagógica.

Partindo desse pressuposto, é que a instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre, assim, um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de atividades diversificadas, realizadas em situações de interação.

O professor participa intensa e continuamente na observação desses procedimentos que não somente lhe permitem uma contínua avaliação do processo das crianças, mas ainda lhes oferecem as informações necessárias para reordenar e adequar o seu planejamento, sugerindo novos conteúdos e atividades.

A intervenção do professor é necessária na Educação Infantil, para que as crianças possam, em situações de interação social, ou sozinhas, ampliar suas capacidades de apropriação de conceitos, dos códigos sociais e diferentes linguagens, por meio da expressão e comunicação de sentimentos e ideias, da experimentação, da reflexão, da elaboração de perguntas e respostas. Para isso, o professor deve conhecer e considerar as singularidades das crianças de diferentes idades, assim como a diversidade de hábitos, costumes, valores e crenças das crianças com as quais trabalha, respeitando e ampliando sua socialização.

Madalena Freire, sempre preocupada com a Educação Infantil, concebe a educação como um espaço político-pedagógico, no qual a paixão deve ser propulsora das leituras de mundo. A educação é a possibilidade de humanização da sociedade, da construção de consciência. Ser educador é ser artista, pois a educação é uma arte. Segundo Madalena Freire:

No exercício disciplinado de sua arte é que a paixão de educador é educada. Educador ensina a pensar, e enquanto ensina, sistematiza e apropria- do seu pensar. Pensar é o eixo da aprendizagem. Para pensar e aprender tem-se que perguntar. E para perguntar é necessário existir espaço de liberdade e abertura para o prazer e o sofrimento, inerentes a todo processo de construção de conhecimento. [...] Educador ensina a pensar, mas somente pensar não basta. O educador ensina a pensar e a agir, segundo o que se pensa quando se faz. Nessa concepção de educação, o educador é um leitor, escritor, pesquisador, que faz ciência da educação. (FREIRE, 1983, p.80).

2.3 A Educação Ambiental

Os principais acontecimentos na história da educação ambiental no Brasil, estão registrados a partir de 1822, quando José Bonifácio fez suas primeiras observações de cunho ecológico no Brasil, nota-se aí, a importância da pesquisa para diagnosticar os problemas ambientais. Infelizmente, depois disso, leis editadas proibindo a exploração são facilmente ignoradas, instaurando-se a República do Café, que trouxe significativos desastres ecológicos, determinando a extinção do pau-brasil nos próximos anos (Soares, 2005).

Após, em 1907, e no ano que segue, este tema é introduzido nas escolas americanas. No Brasil, entre 1934 e 1969 são introduzidas pesquisas sobre ecologia, criados parques, fundações, lançadas importantes obras literárias, projetos nacionais de apoio e instaurada a ética ambiental. Até que em 1970, surgiu na imprensa o uso da palavra educação ambiental nos EUA.

Como uma real educação ambiental não aconteceu ao longo dos anos, apesar de grandes encontros e conferências abordarem o assunto, e não se efetivaram projetos viáveis em nível global e individual, seguem-se catástrofes e dados alarmantes para o futuro no bioma terrestre.

Tratada na Conferência de Tbilisi, em 1977, a Educação Ambiental não se inclui nos programas educacionais como uma matéria a parte ou tema concreto de estudo, mas sim como uma dimensão que deve ser integrada nesses programas. A Educação Ambiental é o resultado de um novo planejamento e de um conjunto de diferentes matérias e experiências educativas que permitem ver o meio ambiente em sua totalidade e empreender, dessa forma, uma forma mais racional e adequada com vistas às necessidades sociais. Barra (2000) descreve a Educação Ambiental como “um processo educativo permanente mediante o qual os indivíduos adquirem conhecimentos, desenvolvem valores, atitudes e comportamentos que lhes permitem tomar decisões no que se refere a sua interação no meio ambiente, visando a sustentabilidade ambiental.”

A Educação Ambiental deve propiciar aos indivíduos conhecimentos que, analisados, possam levá-los a uma sensibilização a respeito do meio ambiente e do desenvolvimento de valores, atitudes e comportamentos visando a transformação positiva, tanto em nível individual quanto coletivo, da realidade em que vivem.

Numa perspectiva de complexidade ambiental, que é uma transcendência de pensamento e ação, o indivíduo passa a refletir, se questionar, mudar de comportamento e reconstruir valores sobre a relação homem-natureza, surgindo, portanto, a consciência de que suas atitudes influenciam muito o ambiente e geram consequências às futuras gerações.

Somente conhecendo o mundo que o cerca e os problemas ambientais que o envolve, que assumirá o papel de transformador.

2.4 A Educação Ambiental e o Exercício da Cidadania

A importância de todo o processo de educação é o trabalho de formação para a cidadania. Ser cidadão significa ser tratado com respeito e aprender a fazer o mesmo, em relação às demais pessoas, tendo acesso a formas mais interessantes de conhecer e aprender a transformar-se a partir da interação com outros indivíduos. Isso implica tomar consciência de problemas coletivos e relacionar a experiência da própria comunidade com o que ocorre em outros contextos.

Paulo Freire (1993; 2007), em sua saga humanística, destaca que as pessoas são conscientes quando educadas para serem pessoas presentes. Pessoas que aprendem a viver e agir como sujeitos críticos e criativos de suas próprias vidas, e de suas vidas individuais, nos círculos das pequenas interações, seu grupo de amigos, sua família, seu grupo de trabalho. Mas pessoas reflexivas e motivadas devem ser participantes também de círculos e de situações mais amplas de sua vida social cotidiana. E cada dia da vida pensada e vivida nos relacionamentos com os outros é um instante a mais na história de uma vida consciente de si mesma, com que se participa da própria história do mundo, a qual se ajuda a construir.

Educar para a cidadania envolve a formação de atitudes de solidariedade para com os outros, particularmente com aqueles em dificuldade de superação de atitudes egoístas; implica fazer gestos de cortesia, preservar o coletivo, responsabilizar-se pelas próprias ações e discutir aspectos éticos envolvidos em determinada situação. Inclui, para cada criança, poder se expressar e respeitar a expressão do outro em relação a sentimentos, ideias, costumes, preferências, ser aceita em suas características físicas e morais, receber demonstração de interesse quando não comparece a escola, demonstrar interesse em saber as razões da ausência de outra criança e criar formas não violentas de solução de conflitos.

Esta é a ideia fundamental de toda ação educativa: educação como humanização. Freire (1993) destaca, ainda, que como sujeito social, histórico, o indivíduo é planejador, construtor de seu próprio projeto humano. Educar é construir um projeto de humanidade. Segundo o autor, o ser humano aprende a ser humano aprendendo as significações que os outros humanos dão à vida, à terra, ao amor, à opressão e à libertação. A situação educativa

torna-se, com isso, o ambiente ideal para o cultivo da tolerância, do combate a preconceitos, do aprendizado com base nas diferenças.

2.5 A importância da relação criança/meio ambiente

A perspectiva ambiental consiste num modo de ver o mundo em que se evidenciam as inter-relações e a interdependência dos diversos elementos na constituição e manutenção da vida. À medida que a humanidade aumenta sua capacidade de intervir na natureza para satisfação de necessidades ou para buscar o poder, surgem tensões e conflitos quanto ao modo de ver as espécies.

Nos últimos séculos, um modelo de civilização se impôs, trazendo a industrialização, com sua forma de produção e organização do trabalho, além da mecanização da agricultura, que inclui o uso intenso de agrotóxicos e a urbanização, com um processo de concentração populacional nas cidades (Trigueiro, 2003).

A demanda global dos recursos naturais deriva de uma formação econômica cuja base é a produção e o consumo em larga escala. A lógica associada a essa formação, que rege o processo de exploração da natureza hoje, é responsável por boa parte da destruição dos recursos naturais e é criadora de necessidades que exigem, para sua própria manutenção, um crescimento sem fim das demandas desses recursos.

Diante desse quadro, surge a necessidade de novas relações sociais que permitam qualidade adequada de vida para todos. Assim, a questão ambiental impõe às sociedades a busca de novas formas de ver, pensar e agir, individual e coletivamente, de novos caminhos e modelos que não perpetuem tantas desigualdades e exclusão social. Isso implica um novo universo de valores no qual a educação tem um papel importante a desempenhar.

Percebe-se a questão ambiental diretamente ligada à pluralidade etnocultural, pois as regiões apresentam diferenças entre si, cada uma é marcada por características culturais próprias, assim como pela convivência interna de grupos diferentes. Pensar a pluralidade cultural democraticamente, contribui para a compreensão, formação e consolidação de uma cultura baseada na tolerância, no respeito, na solidariedade e na preservação das espécies.

As pessoas são frutos deste modelo de sociedade de produto, que não dá valor as diferentes formas de vida. Os bens materiais sobrepõem-se aos naturais. Existem crianças,

presas a apartamentos, conduzidas por automóveis, que nunca aprenderão a ver o mundo que as cerca, as folhas das plantas, seres vivos e integrantes do ecossistema. A investigação dos recursos naturais, como água, terra, folha, pau, pedra, semente, etc. é quase inexistente, porque se pensa em ir para escola “aprender lições” dentro de salas, o que evita que se sujem, sintam liberdade, gosto, cheiro, transformar galhos secos em naves, molhar plantas que estão murchas, abraçar árvores, as quais são atitudes que inspiram imaginação, criação e poesia. Caso se queira um futuro melhor para seres vivos, humanos, vegetais e animais, é preciso investir nas crianças. Essas estão dotadas de milhões de estruturas neuronais dispostas a ressignificar o mundo.

Toda criança nasce em uma cultura, ou seja, seu entorno social é marcado pelo tempo e pelo espaço que ocupa, descobre, explora e com os quais se relaciona durante a vida. O contato com a matéria, a descoberta e a exploração do meio ambiente, o conhecimento do lugar onde se vive é essencial para a formação de sujeitos conscientes de si e do mundo. A relação com a natureza passa pela cultura.

Morin (2000) alerta que é preciso aprender e ensinar “a ver”, a “estar aqui”, o que se aprende por meio de culturas singulares. A escola precisa se constituir num tempo/espaço para significar e dar sentido à vida. Essa compreensão precisa ser alimentada desde cedo, quando ainda é possível se deparar com a novidade da infância, o que inclui, além do potencial, a compreensão das crianças como atores sociais que vivem e sofrem as complexidades da vida.

Segundo Dewey (1936), compreender é apreender significações, e isso só acontece quando o indivíduo estabelece relações com o objeto e se apropria dele, tornando-o conceito dotado de importância. E não se dá importância ao que não se vê e não se sente. Rubem Alves(2003) concorda quando afirma que muitas pessoas de visão perfeita nada veem. O ato de ver não é coisa natural, mas precisa ser aprendido e instigado.

É possível desenvolver noções numa relação vital com o meio ambiente, uma relação de respeito, encantamento, cuidado e responsabilidade. Os tempos, os lugares, atividades, pessoas, marcam a vida de cada indivíduo. Pelas memórias de infância pode-se constatar a intensidade de sentido que produziram. Isso permite dizer que o tempo e o espaço precisam ser humanizados, o contato com a natureza precisa desencadear a ação das crianças, o seu envolvimento, potencializando sua curiosidade e imaginação.

Para desenvolver a capacidade de observação das crianças, é necessário, portanto, propôr desafios que as motivem a buscar os detalhes, usar da capacidade de observar e a

curiosidade que é inerente a cada um, guiadas por uma vontade de saber mais sobre algo novo.

Nesse universo de relações e apreensão das coisas, todos devem estar unidos, família, escola, sociedade para promover estudos e debates no sentido de avaliar ações para ter uma visão mais ampla e segura diante da realidade que os cerca (Mendonça, 2000).

2.6 O Problema dos Resíduos Sólidos

A tecnologia evoluiu rapidamente com consequências indesejáveis que se agravam com igual rapidez. A exploração dos recursos naturais passou a ser feita de forma demasiadamente intensa. Recursos não-renováveis ameaçam escassear. De onde se tirava uma árvore, agora tiram-se centenas. Onde moravam algumas famílias, consumindo água e produzindo poucos detritos, agora moram milhões de famílias, exigindo imensos mananciais e gerando muito resíduo por dia.

Um dos grandes problemas da atualidade é a grande quantidade de resíduos. O ser humano colocando o seu resíduo na lixeira ou atirando em terrenos baldios resolve o seu problema individual, não se dando conta de que as áreas de depósito das cidades estão cada vez mais escassas e contaminam uma grande quantia de solo.

Lima (1999) descreve que o Brasil estaria em 5º lugar entre os países que mais produzem resíduos sólidos. Segundo o autor, com a modernidade, um ser humano, do nascimento aos 70 anos de idade, produziria uma quantidade de 25 toneladas de lixo ao longo de sua vida. O autor ainda aponta que “O lixo é um indicador curioso de desenvolvimento de uma nação. Quanto mais pujante for a economia, mais sujeira o Brasil vai produzir. É sinal de que o país está crescendo, de que as pessoas estão consumindo mais”(LIMA, 1999, S/P).

Diante destes fatos, destaca-se a reciclagem como instrumento para a prática de educação ambiental no contexto escolar e no fazer diário das famílias. Elaborando projetos de coleta seletiva, propicia-se aos educandos um conjunto de estratégias orientadas para diminuir o desperdício, identificando e valorizando as possibilidades de reutilização e reciclagem dos resíduos como meio de preservação ambiental.

Segundo André Michel dos Santos (2007), em sua monografia de Educação Ambiental, a coleta seletiva enfrenta problemas históricos e sociais, pois a humanidade, em busca de evolução, gerou profundas mutações em sua relação individualista e irracional com o meio ambiente. Tal relação deixou graves consequências para as futuras gerações, entre elas,

o uso desenfreado e consumista de produtos. O autor aponta ainda, como principais dificuldades do homem em relação à coleta seletiva (SANTOS, 2007, p. 17):

- Resistência para mudança de costumes e hábitos adquiridos ao longo de sua vida, especificamente quando se trata na separação do lixo.
- Desinformação quanto aos materiais a serem recicláveis ou não.
- Ausência de estrutura pública para o recolhimento do lixo selecionado.
- Desinteresse em colaborar com a coleta seletiva.
- Falta de percepção ambiental.

Ainda há o preconceito, principalmente em cidades pequenas, onde catadores são considerados mendigos e vivem à margem da sociedade, sem políticas públicas que os amparem e sem condições dignas de trabalho e de vida.

1 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

O presente estudo foi desenvolvido na Escola Municipal de Educação Infantil Gente Miúda, em Panambi, com alunos na faixa etária de três e seis anos. A escola conta com um número total de 190 alunos, duas professoras na equipe diretiva e 30 pessoas que exercem funções de atendentes, professores e serventes. Num primeiro momento, foi feita a delimitação do projeto e conteúdos a serem observados durante sua aplicação. Como o município de Panambi tem em seu plano de governo a coleta seletiva de resíduos, as instituições de Educação Infantil têm o dever de tornar a educação ambiental presente em sua rotina, desenvolvendo ações educativas junto aos alunos. Assim, este trabalho esteve em consonância com o Projeto Político e Pedagógico da escola, tomando por base os conteúdos do Projeto Curricular da Educação Infantil (PANAMBI, 2004).

O estudo teve uma abordagem qualitativa, sendo também realizado um levantamento bibliográfico para embasar o referencial teórico sobre a criança, o brincar e a educação ambiental. Godoy (1995, p.58) explicita uma característica principal da pesquisa qualitativa, a qual embasa este trabalho: “considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave.”

A pesquisa teve caráter exploratório, o que estimula os envolvidos a pensar e falar livremente sobre o tema. Um trabalho é de natureza exploratória quando envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram (ou têm) experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Possui ainda a finalidade básica de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias para a formulação de abordagens posteriores.

Dessa forma, este tipo de estudo visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos e atividades posteriores (GIL, 1999).

3.2 Coleta de Dados

O método escolhido para coleta de dados foi o de atividades dirigidas, passeios, histórias, filmes, entrevistas e socialização sobre as concepções de resíduos, uso dos materiais e formas de reutilização dos resíduos produzidos. Também questionários orais, rodinhas para conversas com as crianças, oferecendo a oportunidade de expressão com suas próprias palavras, na proposta de que este trabalho fosse um diferencial no conhecimento dos educandos sobre os resíduos. As atividades que foram desenvolvidas:

- Histórias infantis relacionadas ao tema: *Saci e a reciclagem de lixo, Reciclagem, a aventura de uma garrafa*;
- Identificação de cores: verde para resíduos orgânicos e vermelho para recicláveis, figuras e letras: R e O relativas a esses resíduos;
- Organização de caixas para separação de embalagens por tamanho, formas e material para confecção de fantoches, brinquedos, instrumentos musicais como: chocalhos, reco-reco, pé-de-latas, bilboquês, boliches, trens, casa, carros;
- Uso de diferentes materiais: papel reciclado, papelão, terra, argila, areia, tintas de vegetais, folhas de plantas;
- Experiências com lixo, como enterrar diversos materiais: folhas de alface, pedaços de frutas, garrafas plásticas, isopor, vidros, entre outros, para depois de passados alguns dias observar e comparar o que acontece;
- Brincadeiras e rodas cantadas com músicas relacionadas ao tema;
- Elaboração de cartilhas sobre atitudes corretas com o lixo;

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Partindo da premissa de que o ato de brincar proporciona uma variedade de experiências lúdicas fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e social das crianças, delineou-se neste trabalho, com crianças da mesma idade, a exploração de seus ganhos, bem como a reflexão sobre o que pensam e sobre os materiais que utilizam.

O primeiro momento foi de trazer para a sala de aula uma grande quantidade de embalagens vazias, as quais as crianças puderam manusear, levar para suas mesas e brincar livremente. Depois de um tempo, o primeiro questionamento oral foi feito: “ De que vocês estão brincando?” Algumas crianças responderam : - “De casinha; De mercado, eu sou a dona e ele é a mãe que veio comprar.” Então, o segundo questionamento oral: “Com o que vocês estão brincando?” E as respostas: -“Com coisas, profe, coisas velhas....”

O que se seguiu, foi a descoberta de tantas brincadeiras que se podem fazer com as “coisas” que todos têm em casa e colocam fora. A questão passou a ser para onde vai esse monte de resíduo. Uma resposta nos registros das crianças está mostrada na Figura 1.



Figura1: Registro/desenho de aluno fazendo menção ao monte de lixo que se forma.

Nas aulas seguintes, para provocar uma maior possibilidade de reflexão e de entendimento, foi sugerido que trouxessem para a sala de aula as embalagens também descartadas em suas casas. Enquanto isso aconteceu, algumas histórias foram contadas como: “*Saci e a reciclagem de lixo*” e “*Reciclagem, a aventura de uma garrafa*”, para que fossem criando alternativas de novas construções a partir do lixo. A proposta era fazer uma “*Coleção de coisas*”, e a cada dia a quantidade aumentava.



Figura 2: Materiais alternativos colecionados, trazidos pelas crianças à sala de aula.

Depois das histórias, músicas e brincadeiras relacionadas ao tema, chegou o momento das construções. Nas próximas aulas, transformaram caixas em trens, carros e caminhões, camas para as bonecas da sala de aula; com papelões grandes fizeram prateleiras para expor as embalagens do “mercado”, animais com garrafas pets pintadas. De repente, o ambiente havia se transformado numa cidade de sucatas. Questionadas, as crianças se diziam surpresas pelas coisas construídas, afinal, muito disso estaria no buraco ou na montanha do lixo citados por eles anteriormente.



Figura 3: Criança brincando com caixas.



Figura 4: Lixeiras na sala- de- aula;



Figura 5: Brinquedos criados: trem, carrinhos, etc.

O caráter lúdico foi marcante ao ver as crianças levarem seus brinquedos pela escola, dando vida aos objetos inanimados, que passaram a ser personagens divertidos. Desse modo, considera-se importante destacar que as práticas pedagógicas selecionadas para “viver” a questão dos resíduos com essas crianças não deixaram de considerar o contexto em que estavam inseridas, as necessidades que tinham e a cultura do grupo. A escolha dos fazeres pedagógicos se realizou em um conjunto de formas e produções sociais e simbólicas partilhadas, o que lhes agregava outros significados.

Os brinquedos confeccionados com materiais alternativos, além de ajudar a preservar a natureza, são oportunidade dada à criança para desenvolver sua criatividade e seu pensamento crítico em relação ao desperdício. É uma maneira simples, econômica e divertida de educar e ajudar na formação das crianças acostumadas com coisas descartáveis.



Figura 6: Confeccionando bilboquês.



Figura 7: Confeccionando pé-de-latas.



Figura 8: Brincando com pé-de-latas.

Diante de uma turma de crianças cansadas de brinquedos fúteis e sem significados, carentes de disciplina e regras para conviver em grupo, ao longo deste trabalho pode-se promover um processo constante de reelaboração e ressignificação de suas práticas.



Figura 9: Criança brincando.

Trabalhar no sentido de sensibilizar para a ideia de reaproveitamento, para a transformação, é uma realidade, mas também é importante pensar no tipo de resíduo que é produzido. A partir disso, para ajudar na compreensão do que significam os diferentes tipos de resíduos no Planeta, a proposta foi enterrar diversos materiais como folhas, pedaços de frutas, embalagens de vidros, plástico, papel e isopor, para depois de alguns dias ver o estado de decomposição de cada um. Cada criança fez sua aposta num tipo de material que se “desmancharia” primeiro.

E a surpresa, para as crianças, foi ver que os materiais orgânicos têm uma maior decomposição do que os inorgânicos. A essa altura, a turma já estava “contagiada” com a ideia de separação. Então, organizaram-se lixeiras, observando o calendário de coleta seletiva que especifica o tipo de resíduo e o dia de recolhimento. Para isso, foi feito passeio para ver se havia lixo nas lixeiras ou nas ruas do bairro da escola e se as lixeiras são acessíveis.



Figura 10: Passeio pelo bairro.



Figura 11: Trabalho sobre as lixeiras observadas durante o passeio.

Para finalizar, observando o grande gosto musical da turma, foi proposta a construção de instrumentos de uma banda rítmica, com potes, sementes e latas com pedras de diferentes tamanhos, o que aguçou a sensibilidade auditiva, com os diferentes sons que proporcionaram.



Figura 12: Confeccionando instrumento musical.



Figura 13: Professora auxiliando na confecção dos brinquedos.

Concordando com as ideias piagetianas (Kammi 1991) , a criança quando usa sua capacidade de criar, recriar e experimentar de forma autônoma, está impulsionando seu desenvolvimento. Visto que a socialização e a moral vão sendo consolidadas ao longo da infância, o trabalho coletivo teve o papel de mediador das relações e de instigador da capacidade de participação, cooperação e respeito mútuo. As atividades realizadas coletivamente, proporcionaram laços de afetividade entre os participantes, renovando suas atitudes dia após dia, numa sequência de planejamentos e ações organizadas a partir dos resultados.

Percebe-se, analisando este projeto, a importância de avaliar o tipo de ação ou teoria que se usará, levando em consideração a realidade sociocultural do grupo, para que não se tenha o risco de copiar ou reproduzir atividades sem considerar as especificidades dos que nele estão inseridos.

O trabalho deste projeto constituiu-se em um conjunto de ações planejadas com a intenção de responder à questão dos resíduos, e tais ações atingiram a finalidade de aproximar os conhecimentos que estavam sendo trabalhados intrinsecamente às atividades escolares, agora com um enfoque maior, proporcionando mais experiências de vida aos alunos. O que dá a real importância desse projeto é a maneira com que cada criança assumiu a responsabilidade

com o meio onde vive e a maneira diferente com que passaram a ver as embalagens e resíduos que fazem parte do fazer diário. Isso é o que, em muitas salas de aula, existe apenas nos registros e em falas paralelas aos conteúdos considerados realmente justos e importantes.

Como aspectos positivos, observou-se um crescente empenho e envolvimento de toda a turma neste projeto de Educação Ambiental. De alguma forma, as crianças foram motivadas a pensar o meio em que vivem e promover ações concretas que modifiquem a forma de se relacionar com os problemas ambientais, atuando como agentes fundamentais dessa transformação. Houve uma gradativa mudança de postura, no sentido de usar as lixeiras certas, diminuir o uso de água e produtos de higiene pessoal e materiais de uso coletivo usados nos trabalhos. Ainda, percebeu-se uma melhora no uso do parque e boas atitudes de cordialidade entre alunos da mesma turma e de turmas distintas da escola.

Neste processo de construção subjetiva, torna-se necessária a intervenção do educador, propiciando um ambiente acolhedor, que crie vínculos afetivos e que possibilite a liberdade de escolha e decisão, o que não se trata de dar liberdade ilimitada, pois o uso de regras e limites é que vai desencadear atitudes coerentes.

Brincar é uma realidade cotidiana na vida desta criança e para que brinque é importante que não seja impedida de usar sua imaginação. A imaginação é o instrumento principal para a apropriação dos códigos de representação do mundo e do ambiente em que vive, e foi contemplada como uma das ferramentas principais para que este projeto tivesse valor. As cores, os materiais, as texturas, os sons, os movimentos que compõem os cenários da infância contemporânea mudaram ao longo dos anos, mas sabe-se que o contato com a matéria, a descoberta e a exploração do meio ambiente e o conhecimento do lugar onde se vive é essencial para a formação de um sujeito consciente de si e do mundo.

Por isso, destaca-se a importância desta aprendizagem, pois foi originada da observação, das vivências e da integração com a prática social e seu processamento em experiência e sistematização, uma vez que a criança aprende observando, seguindo e dando exemplos. As atividades deste projeto confirmaram a teoria vygotskyana de que o sujeito é de natureza social e só se constitui com a presença do outro.

2 CONCLUSÃO

Diante de uma realidade social carente de boas atitudes e relacionamentos, a Educação Ambiental na Educação Infantil vem favorecer a construção de sujeitos autônomos e responsáveis, preocupados quanto aos problemas ambientais, em especial ao acúmulo de resíduos desencadeado pelo consumo inconsciente.

Projetos como este, comprovam que a finalidade da Educação Infantil não está em crianças confinadas em salas de aula, em ambientes de alfabetização e rotinas de cuidados, mas na possibilidade da queda de fronteiras entre os saberes, a vivência das diferenças e o encontro com os problemas sociais que farão parte de toda a sua história.

A realização deste projeto de trabalho teve seu objetivo alcançado, pois viabilizou uma prática pedagógica ativa, ou seja, uma prática aberta para a investigação prazerosa do mundo, vinculada a uma nova postura diante do conhecimento. Não se trata de uma metodologia criativa, mas de exercitar o olhar atento à realidade e perceber que é necessário o contato com a natureza, de forma harmoniosa, diminuindo os impactos sobre o ecossistema.

A escola de educação infantil é um espaço de cultura e tem um papel fundamental, sendo instrumento de conhecimento de si, conhecimento da vida, das realizações humanas, mas também de possibilidade de criação. Cultura entendida na pluralidade e singularidades, no desenvolvimento de saberes, crenças, ideias, formas de ser, normas, rituais que a alimentam dinamicamente, fazendo o mundo ser representado e recriado simbolicamente. Não se pode ignorar a responsabilidade em relação a vida, ao conhecimento e a criação.

Com esta prática, a escola passa a ser reconhecida como lugar privilegiado para a troca de informação e o intercâmbio de experiências. Professor e alunos passaram a viver a função da escola no preparo consciente de seus direitos e deveres, da cidadania e dos direitos de se levar uma vida digna na sociedade

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. **Conversas sobre educação**. São Paulo, Verus Editora, 2003.

ALVES, R. **O amor que acende a lua**. Campinas, SP: Papirus:Speculum, 1999..BARRA, V.M.M. **Exploração de necessidades sócio- educativas e análise de programas formativos de educadores ambientais com caráter experimental**. Tese de doutorado. Santiago de Compostela, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 2002.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BRASIL. MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E DO ESPORTE. Secretaria Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998(v. I, II, III).

DEWEY, Jonh. **Democracia e educação: breve tratado de philosophia de educação**. Traduzido por Godofredo Rangel , Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1936.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5º ed. Editora Atlas. São Paulo, 1999.

GODOY.A.S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**. v.35, n 2, Mar-Abril, 1995, p. 57-63.

GOULART, Íris Barbosa. **A educação na perspectiva construtivista**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

KAMMI, C.; DEVRIES, R. **Piaget para a educação pré- escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

LEONTIEV. **O desenvolvimento da criança pré-escolar**. In: VYGOTSKY, Lev S. e outros. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone/ Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

LIMA, Jaqueline da Silva. **A importância do brincar e do brinquedo para crianças de três a quatro anos na educação infantil**. Pedagogia em Foco, Rio de Janeiro, 2006.

LIMA, Maurício. Um bebê = 25 toneladas de lixo. **Revista Veja**. Edição Abril, 1999.

MENDONÇA, R. **Educador ambiental- 6 anos de experiência e debates**. São Paulo: Wwf Brasil, 2000.

MORIN, Edgar. **Sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, M.K. **Vygotsky e o processo de formação de conceitos**. In: LA TAILLE, I.de et al. *Piaget, Vygotsky e Wallon, teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

OLIVEIRA, M.K. **Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1992

SANTOS, A.M. **A reciclagem como instrumento para a prática de educação ambiental na realidade escolar: estudo de caso Arps**. Monografia de Educação Ambiental, Universidade de Santa Maria, 2007.

SOARES, A.A.R. **Educação Ambiental através de livros didáticos de história do segundo segmento do ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado Universidade Estácio de Sá, 2005. Disponível em WWW.anped.org.br. Acessado em 20 de maio de 2011.

PANAMBI. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. **Projeto curricular de educação infantil**. Panambi, 2004.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar/MEC, 1975.

TRIGUEIRO, A. **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextane, 2003.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **A sutil complexidade das práticas pedagógicas com bebês**. In. FILHO, José Altino Martins et.al. *Infância plural: crianças do nosso tempo*. Porto Alegre: Mediação, 2006.